

Brossard critica Figueiredo

por Ariosto Teixeira
de Brasília

O enérgico discurso feito ontem pelo senador Paulo Brossard (PMDB-RS), em que criticou o presidente João Figueiredo, mereceu elogios do líder do governo, senador Nilo Coelho (PDS-PE), "pelo brilhantismo com que o pronunciou" — "foi um bom discurso", disse —, e apenas um reparo: "Em alguns pontos ele talvez tenha sido emocional e injusto com o presidente. Vou rever o discurso e responder àquilo que me pareceu exagerado. Na verdade, o senador Brossard tem sido brando nos seus julgamentos".

Se o pronunciamento do senador oposicionista não pode ser qualificado de radical, o termo "brando" também não parece o mais adequado para definir suas palavras. De improviso e tendo como referência o gesto das mãos estendidas em conciliação feito pelo presidente, Brossard gastou duas horas na tribuna para concluir que a esse gesto e às palavras que o acompanharam não se seguiram atos equivalentes.

"Foram admiráveis palavras, mas apenas palavras", sentenciou, "pois destoam de tudo o que foi feito antes e depois de proferi-las." No caso, Brossard referia-se ao recente discurso do presidente Figueiredo, no Rio de Janeiro, em que acrescentou ao primeiro gesto de conciliação a segunda mão, a canhoto, declarando que o fazia pela última vez, embora não tivesse encontrado entre os seus adversários o que esperava ao estender a mão pela primeira vez. Antes deste pronunciamento, em novembro do ano passado, lembrou o senador, "o presidente baixou o 'pacote' de novembro, que vinculou integralmente os votos; e, depois, o projeto que

elimina o voto de legenda. Duas medidas com o único propósito de prejudicar os partidos da oposição".

O senador garantiu que não se esquivaria de apertar a mão do presidente, desde que entendesse com clareza o sentido do gesto. "Apertaria a esquerda ou a direita, a seu gosto", disse, e, socorrendo-se de um pleonasma, completou: "Apertaria ambas as duas mãos do presidente".

Em momento algum, desde a posse de Figueiredo, em março de 1979, segundo afirmou Brossard, a oposição encontrou alguma mão estendida em seu caminho. Deu exemplos de tentativas de diálogo e aproximação feitas pelo PMDB e também pelo antigo MDB, dos quais foi líder dois anos seguidos. Revelou que em março de 1979, logo após a posse do atual governo, e em meio à primeira grande greve dos metalúrgicos do ABC, procurou então o líder do governo, senador Jarbas Passarinho, propondo a ajuda da oposição para tentar so-

lucionar o impasse. O governo dispensou a proposta, segundo ele, assim como o fez no caso da anistia, "momento que seria o adequado à conciliação. Mas o governo decidiu ser o dono da anistia".

Por fim, citando Lourival Fontes, que foi senador por Sergipe, descreveu as atribuições e grandezas do cargo de presidente da República, para, depois, lançar aguda farda no comportamento de Figueiredo, hoje, liderando a campanha eleitoral do PDS. "O chefe da Nação agora se transforma num cabo eleitoral, deixa a magistratura da Presidência para chefiar uma campanha eleitoral." Afirmou, ainda, sem apresentar comprovantes, que o governo está utilizando dinheiro público na campanha, "com seus ministros distribuindo cheques a prefeitos". Concluiu, porém, declarando: "Se for para o bem do País, aperto a sua mão general Figueiredo. Lembro-lhe, antes, que ninguém pode tudo e sobretudo ninguém pode sempre".